

PRATICANDO VALORES CULTURAIS AFRODESCENDENTES NA REALIDADE EDUCACIONAL SERGIPIANA

(PRACTICING AFRICAN CULTURAL VALUES IN THE SERGIPEAN EDUCATIONAL REALITY)

MARIA BATISTA LIMA¹
HENRIQUE CUNHA JÚNIOR²

RESUMO

Este artigo trata da abordagem oficial dada no Estado de Sergipe (Brasil), às questões de etnia e gênero, assim como das omissões de tais conteúdos em seus programas educacionais. Constata a reprodução de tabus, agressões e silenciamentos, bem como a presença do machismo, do sexismo e do racismo. Conclui que se faz necessário singularizar tais questões, procurando fugir das formas universais e homogeneizantes.

PALAVRAS CHAVES: Culturas Afrodescendentes, Afrodescendência e Educação, Valores Afrodescendentes, Identidades Afrodescendentes, Racismo, Sexismo, Machismo.

ABSTRACT

This article deals with the official approach in Sergipe State (Brazil) of the ethnic and gender questions, as well as of the omissions of such contents in their educational programs. It is clear from this the reproduction of taboos, aggressions and silence and the presence of machismo, sexism and racism. It concludes that it is necessary to singularize such questions and not express universal and homogenic forms.

KEYWORDS: Afrodescendent Cultures, Afrodescendency and Education, Gender, Afrodescendent Values, Afrodescendent Identities, Racism, Sexism, Machismo.

INTRODUZINDO A TEMÁTICA

Etnia e gênero são temas do cotidiano, processados em discursos e meios discursos sociais da reali-

dade sergipana. Falamos em discursos e meios discursos para englobar as formas explícitas e implícitas de tratar a temática, as quais oscilam entre formas de tabus, agressões e silenciamentos impostos como forma de dominação (SILVA-85). Majoritariamente a população do Estado de Sergipe é etnicamente afrodescendente e isto não é declarado nos diversos discursos político-institucionais com a ênfase, importância, conteúdos e relevância necessária para um tratamento democrático proporcional a tal presença histórica. Muito pelo contrário, situamos por exemplo dentro do campo institucional as práticas e discursos educacionais, que, se não diretamente negam os valores afrodescendentes, pelo menos os deixam sem o destaque e eloquência esperada.

Da mesma forma que os discursos sobre etnia são secundarizados ou silenciados no espaço educacional sergipano, também o são os de gênero. A educação, desprovida dos conteúdos e práticas de gênero e etnia, exercita a metamorfose da sub-representação da população nas áreas dos conhecimentos pensados e sistematizados, ou seja, no campo dos valores sociais processados na educação.

Machismos e racismos são dois constituintes importantes dos imaginários sociais do Estado de Sergipe, na mesma dimensão dos demais estados do Nordeste e similarmente a quase o restante do país. Estes racismos e machismos são diferentes nos seus conteúdos e formas de lugar para lugar, manipulam as culturas particulares e se adequam aos contextos históricos e sociais diferenciados, vindo daí o sucesso e a persistência destes. Dos estados nordestinos, somente a Bahia tem dado alguma relevância e evidência às suas populações e culturas afrodescendentes, desta forma executado alguma ação educacional de combate aos racismos.

Os exercícios cotidiano das culturas do machismo, sexismo e racismos criam universos de

¹Mestranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Professora da Rede Estadual de Ensino de Sergipe.

²Professor Titular da Universidade Federal de Ceará/UFC; Membro do NEINB-USP; Bolsista da Fundação MacArthur.

processamento de preconceitos e discriminações, subtraem do imaginário e das práticas sociais a vivência desejada das culturas afrodescendentes e femininas como conjunto de valores positivos. Criam formas de inferiorização e de inclusões diferenciadas dos atores sociais nas dinâmicas do exercício da cidadania. Formam culturas de inferiorização e dominação.

Dada a prevalência e eloqüência das formas, nacionais e locais, do exercício das culturas do etnocentrismo e machismo é que se faz necessário na escola uma atenção particular e direcionada para a explicitação de valores das culturas afrodescendentes e das culturas femininas. Temos que ressaltar a importância da visão das particularidades do Estado de Sergipe. Como já expressamos em trabalhos anteriores (CUNHA JUNIOR-95), (LIMA-99) sobre pluralidade étnico-cultural é salutar vermos as questões dos racismos, sexismos, dos machismos e as culturas como singularidade e não como formas universais e homogeneizantes como muitas vezes têm sido tratadas.

NECESSIDADE DE MUDANÇA DE OLHARES

Internamente e externamente, Sergipe sofre concomitantemente, da miopia de um olhar minorizante, e da desvalorização das culturas femininas e afrodescendentes. Por se tratar do menor estado da federação com 21.994 (Vinte e um mil, novecentos noventa e quatro) Km² e com uma população de 1.624.175 (um milhão, seiscentos vinte e quatro mil, cento setenta e cinco) habitantes, diversos aspectos da educação são pensados, consciente ou inconscientemente, como reflexo deste patamar, ou seja, do pequeno, do menor. Esta abordagem reforça as dependências do que é produzido a nível nacional ou dos estados maiorizantes da região. Raramente refletimos que a extensão territorial e populacional de Sergipe é correspondente em ordem de grandeza a de outras nações independentes do mundo, tais como Albânia (28.738 Km² / 3.000.000 hab.), Suíça (41.293Km² / 7.000.000 hab.), Trinidad Tobago (5.100 Km² / 1.300.000 hab.); ou mesmo da Guiana e Suriname, que embora territorialmente muito maior tem a população inferior a um milhão de habitantes. Temos que todos esses países pensam as suas educações independentes dos outros, na entranha de suas singularidades, sendo que o mesmo não ocorre com relação a Sergipe.

Embora com discordâncias e protestos dos movimentos negros, os enfoques sobre etnia e cultura afrodescendentes, a nível nacional tem sido realizado

sob a ótica de minorias étnicas (FERNANDES-78) e de culturas de resistências (JOÃO BATISTA). Estes enfoques de minorias são reforçados pelos usos dos censos populacionais e das coletas mal realizadas dos repertórios culturais afrodescendentes. Como mostra Muniz Sodré (SODRÉ-83) não se foi a fundo no significado das culturas negras dentro da cultura nacional. Nem mesmo na intensidade da participação dessas culturas no contexto plural da sociedade brasileira. Nestes aspectos se localizam uma contradições e ao mesmo tempo uma particularidade entre o Estado de Sergipe e o as visões hegemônicas nacionais. Aqui em Sergipe a descendência africana é ampla maioria estatística, como também, nos cotidianos das culturas denominadas de populares.

Tanto no sentido da importância da particularidade sergipana como do uso das culturas afrodescendentes na educação, se faz necessário um novo olhar.

ELEMENTOS CULTURAIS AFRODESCENDENTES E CULTURA SERGIPANA: REPRESENTAÇÕES E VALORES

Não obstante a presença física inegavelmente majoritária, com um percentual populacional afrodescendente (pretos e pardos) de 71%, existe um sistemático descaso para com os temas de interesses dos afrodescendentes. O conceito de temas de interesse dos afrodescendentes nos é dado por Petronilha Beatriz e Silva (BEATRIZ E SILVA). Para nós buscar o lugar do afrodescendente na trajetória histórica sergipana oficial, é se propor a viver uma dolorosa experiência de descobrir-se apenas etnicamente dizimados pela negação secular das práticas culturais de base africana, pelos mecanismos de inferiorização e de anulação e não – representação que permeiam toda a estratégia de formação e manutenção das oligarquias sócio-culturais e econômicas do Estado. É viver um resultado de baixa auto-estima produzida pelas ausências de valores positivos.

Considerando que as identidades são, em parte, construção/reconstrução social dialética, em muito oriundo das relações do “eu” (individual e coletivo) com o “outro”; sendo portanto, também frutos do reconhecimento valorativo desse “outro”. Assim necessário se faz ao falarmos de valores étnico-culturais afrodescendentes no conjunto da sociedade e nas tramas das relações sociais diversas.

Temos na história um dos formadores das percepções étnicas e considerando o tratamento que nos

foi dado nas abordagens da a história sergipana, que na essência não difere do tratamento dado aos nossos ascendentes no quadro nacional, é fácil de percebermos os problemas de caráter identitários que sofremos, assim como, das brechas abertas para as percepções inferiorizantes e discriminatórias. A história Sergipana, sempre descolore, desetniza os atores, quando não expõem os processos de massacre físico e ideológico impetrado no decorrer do processo do escravismo criminoso como formas naturalizadas, dando a impressão aos incautos que os processos fazem parte do inevitável e sem responsabilidade moral dos executores. Por fim elimina simbolicamente os afrodescendentes como referência específica no pós – abolição. Introduz uma idéia do desaparecimento do negro, do afrodescendentes e do triunfo e predominância dos descendentes de europeus.

Particularizando o contexto sergipano, tivemos ao longo da história uma elite açucareira e da mão – de – obra de africanos e afrodescendentes que aqui introduziu as formas culturais do estado, produziu conhecimentos tecnológicos dos engenhos e moldou a história política com revoltas quilombos organizações religiosas e movimentos urbanos. No entanto a literatura sergipana aponta apenas para dados gerais como as 1^{as} entradas dos nossos ascendentes africanos no séc. XVII, ampliando – se sua chegada como força de trabalho dominante no séc. XVIII, com a expansão da agricultura canavieira. Essa mesma bibliografia registra um percentual de 34,9 % de escravizados no Estado em 1802, a maioria explorados na agricultura canavieira e nos engenhos. São atribuídos pela história oficial um caráter maleável ao negro e afável ao senhor branco nordestino. Paralelamente a história processa uma desvalorização dos elementos culturais africanos e uma exaltação dos europeus. O resultado da leitura historiográfica é da ignorância das bases africanas e da sistematização da inferiorização conceitual dos afrodescendentes, como uma estratégia do currículo oculto.

A história da educação de Sergipe, que poderia servir como outro referencial de reflexo para os educadores, repete as mesmas generalidades e também invisibiliza os afrodescendente ou então reforça o lugar social nosso como cidadão de segunda categoria. Datando de 1575 as primeiras experiências educacionais sergipanas, com a “Escola São Sebastião” da missão São Tomé segue com a expulsão dos jesuítas em 1759, por ordem do Marquês de Pombal, e com a criação pelo governo das denominadas “aulas públicas” cujo acesso era permitida somente a elite dominante, aos grandes proprietários. O Decreto 15 de 20/

03/1838 que proibia os negros “livres ou libertos” de freqüentarem as escolas (NUNES,1984),equiparando-os aos portadores de prosseguimento à política de exclusão. A trajetória pós- assinatura da Lei Áurea, não explicita que continuamos a ser subjugados, ela promove o desaparecimento dos afrodescendentes da educação de Sergipe, tratados que somos como classes populares e trabalhadores nacionais.

PERSPECTIVAS CULTURAIS AFROSERGIPANAS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

As diversas culturas executadas pelos diversos setores da população somente são percebidas na ótica das políticas culturais do estado como grupos folclóricos, que esporadicamente recebem a título de atração turística algum apoio oficial. As culturas populares parecem só terem interesse do estado enquanto proposta geradora de renda pela via do turismo.

Os grupos culturais da população executam um grande esforço na manutenção de suas práticas culturais, nem sempre são explicitadas como afrodescendentes e pouco são valorizadas como formas culturais e nos espaços educacionais ou de políticas culturais do Estado. Dentre estes grupos alguns processam forte cultura feminina, sendo alguns deles com grande participação de mulheres, tais como a Taieira, dança pública ligada ao candomblé que ocorre em vários municípios sergipanos . O processo cultural de muitos destes grupos tem forte ligação com as práticas religiosas de descendência africana ou diversificações do catolicismo de preto, a exemplo do Cacumbi, dança representando simbolicamente duas nações negras em luta, apresentada em varias cidades do estado ou das festas de São Benedito como é o caso do Município de Divina Pastora. (CARVALHONETO-94), (BRITO-85).

O fato do Estado de Sergipe ser, considerado oficialmente como espaço de muitas manifestações folclóricas, originadas na diversidade de culturas que se constitui população sergipana, não tem garantido aos afrodescendentes, no processo educativo do Estado e nem nos outros espaços, a esperada e devida representação. Desse modo é muito comum ver-se a apologia do folclore sergipano, mas raro se sentir a preocupação numa articulação dessas práticas com o processo educativo em sala de aula. Sem contar que há um forte reducionismo cultural simplificador dos aspectos referentes as culturais afrodescendentes.

Dentre os reducionismos estão o da consideração de práticas como primárias, ingênuas e a nível de subculturas. Somam-se aos problemas decorrentes dos preconceitos com a base afrodescendente, a persistência da desinformação sobre as culturas africanas de origem.

Dicotomicamente, temos um Estado com um dos mais representativos índices de afrodescendência, um alunado que em menor escala espelha essa incidência, porém um discurso ideologicamente fabricado pelo direcionamento elitista.

Uma outra nuance é que no desaparecimento afrodescendente está assentado a construção de um outro ideário de que no estado não existe formas de preconceitos étnicos e racismos. Sendo rejeitado qualquer proposição que possa vir a induzir a menor modificação deste ideário.

Apontamos que as práticas pedagógicas são compostas de ações que refletem um teor de idealização de um padrão europeu e de um modelo sexista e machista.

A ausência de valorização positiva das culturas de base africana tem conduzido a uma exotização (folclorização equivocada) dos valores afrodescendentes no espaço educativo e social. Isto fica patente, por exemplo, quando se percebe na sala de aula as reações a temas ligados ao candomblé, ou a vergonha expressa por alguns afrodescendentes ao ser relacionados de forma maldosa à figura dos escravizados. São ainda motivo de chacota e discriminação.

A criação da lei que regulamentou a inclusão da História Africana nos currículos da Rede Municipal da Educação de Aracaju, constituiu um passo na luta pela igualdade de direito a representação. Porém esse passo não foi ainda acompanhado da implementação prática desse direito. É uma longa caminhada a se trilhar. Também se faz necessário a ampliação desse alcance para além da capital.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, cujo teor encontra-se muito aquém do que desejamos e precisamos, pode ser o instrumento que respaldará as ações necessárias a uma prática multicultural no processo educativo, na medida em que aponta para a necessidade de se trabalhar a pluralidade étnico – cultural na prática pedagógica. (SILVA-1998).

Outro ponto da nossa visão da prática educativa sergipana que urge ser resignificada é a postura do educador frente ao tratamento racista dispensado ao aluno afrodescendente, principalmente àquele de pele mais escura, já que numa realidade onde o *continuum* de cor parece ser mais utilizado nas relações se passa de “morena alegre” à “neguinha metida” com uma rapidez muito grande. Desde a indicação para a posi-

ção de destaque nos eventos, aos apelidos e rejeições pelos colegas, ao ostracismo impetrado pela ação e omissão do professor são práticas comuns sentidas na pele e na observação cotidiana da vivência escolar.

A VIVÊNCIA DOS VALORES AFRODESCENDENTES

Preocupados com a auto-estima do alunado afrodescendente, a principal vivência dos valores é com a auto-imagem. Torna-se necessário a introdução da imagem da negra e do negro na sala de aula sergipana por diferentes estratégias. Uma delas é pela valorização da imagem própria dos alunos pela fotografia, pelos desenhos e pelo vídeo representando a sala de aula e as populações locais. Temos que lembrar que as imagens da mídia são loiras, distintas das nossas alunas e alunos. As outras vivências dos valores afrodescendentes se pode dar pela introdução das manifestações populares do estado, resignificadas nos seus contextos históricos e culturais. É necessário explicar a existência destas manifestações embasados nas histórias africanas e em novas visões da história dos afrodescendentes. É primordial neste exercício uma revisão dos vocabulários utilizados e dos conceitos históricos operacionalizados. Uma discussão importante é sobre o escravismo brasileiro, tendo este como crime contra a humanidade e como forma criminosa de acumulação de riquezas. A parcela branca precisa se envolver com o ato criminoso do escravismo e não a parcela negra em ter sido escravizada. A chave deste processo é a desnaturalização do escravismo brasileiro.

Como a idéia de raça e da relação superior e inferior é muito forte no imaginário social, na vivência dos valores esta precisa ser desconstruída e reconstruída sob a ótica de etnias. O principal paradoxo é mostrar que a raça humana é uma só, que os fatores biológicos diferenciadores entre as etnias são apenas 5% do total. Que as histórias dos povos africanos foi até agora erroneamente associada a “raça” no Brasil, e que nós não conhecemos a história dos povos africanos.

As culturas femininas afrodescendentes existentes no Estado e as práticas cotidianas das mulheres uma vez colocadas na escola e abordadas numa discussão, tendo como ponto de partida a condenação e o desvendamento das práticas machistas, produzem por si próprias uma vivência de valores para as mulheres afrodescendentes.

No caso sergipano da vivência de valores étnico-culturais trata-se de uma simples revisão das práti-

cas educacionais assentadas na realidade histórica, cultural e cotidiana do estado. Basta não falsificar a realidade para propiciar a vivência dos valores afrodescendentes e femininos na educação local.

BIBLIOGRAFIA

- (BEATRIZ E SILVA-98). BEATRIZ E SILVA, Petronilha. Temas de Interesses dos Afrodescendentes na Educação. ANPEDE – Caxambu – MG. 1998.
- (BEATRIZ E SILVA/ ALBERTO SILVA-99) BEATRIZ E SILVA, Petronilha./ ALBERTO SILVA, Luis. O jogo das diferenças. Belo Horizonte-MG. 1999.
- (BRITO-85). BRITO, Cláudia Toscano (org.) Indumentária Folclórica / Sergipe. Secretaria do Estado de Educação e Cultura – Governo de Sergipe – FUNDESC. Aracaju – SE. 1985.
- (CARVALHO-NETO-94). CARVALHO-NETO, Paulo de. Folclore Sergipano. Publicação do Governo do Estado de Sergipe. FUNDESC e Sociedade Editorial de Sergipe. Aracaju – SE. 1994.
- (CUNHA JUNIOR-95). CUNHA JUNIOR, Henrique. Africanidades Brasileiras e Pedagogias Interétnicas. Revista Gbàlà. Sociedade Afro-Sergipana de Estudos e Cidadania. SACI. Aracaju – SE. 1995.
- (FERNANDES-78). FERNANDES, Florestan. A integração do Negro na sociedade de classes. São Paulo: Ática, 1978.
- (LIMA-99). LIMA, Maria Batista. Elementos Culturais Afrodescendentes e as Questões do Aprendizado Escolar no Estado de Sergipe. Projeto para seleção ao Mestrado – Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ- Rio de Janeiro – RJ. Mimeógrafo. 1999.
- (SILVA-85). SILVA, Luiz Alberto. A pedagogia do Silêncio. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 1985.
- (SODRÉ-83) SODRÉ, Munis. A Verdade Seduzida. Um conceito de Cultura no Brasil. Editora Codrix. Rio de Janeiro. 1983.